

Investigação Científica nas Ciências Humanas 4

**Marcelo Máximo Purificação
César Costa Vitorino
Emer Merari Rodrigues
(Organizadores)**

 **Atena**
Editora
Ano 2020

Investigação Científica nas Ciências Humanas 4

**Marcelo Máximo Purificação
César Costa Vitorino
Emer Merari Rodrigues
(Organizadores)**

**Atena**
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
 Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
 Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
 Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
 Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
 Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
 Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
 Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Douglas Santos Mezacas -Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
 Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
 Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
 Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Me. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
 Profª Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
 Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
 Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

162 Investigação científica nas ciências humanas 4 [recurso eletrônico] /
 Organizadores Marcelo Máximo Purificação, César Costa
 Vitorino, Emer Merari Rodrigues. – Ponta Grossa, PR: Atena,
 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-86002-62-1
 DOI 10.22533/at.ed.621201903

1. Ciências humanas. 2. Investigação científica. 3. Pesquisa social. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Vitorino, César Costa. III. Rodrigues, Emer Merari.

CDD 300.72

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil

APRESENTAÇÃO

Caríssimos leitores é com grande satisfação, que fazemos chegar até vocês mais um volume da Coleção Investigação Científica nas Ciências Humanas. Uma obra, com temas atuais e diversos, que gravitam e estabelecem liames com a dialética da Humanidade. Nesse contexto, as experiências vivenciadas em universidades e a própria trajetória social do homem, acabam sendo ingredientes de fortalecimento do pensar na Área das Humanidades. Praticizar o ato de pensar e interpretar nunca foi tão importante, quanto nos dias atuais. A conjuntura social ao qual vivemos hoje, exige de nós, posicionamentos e constantes reconstituições das contexturas sociais. Por isso, revisitar o passado, discutir o presente e planejar o futuro, são ações extremamente importantes aos estudantes e pesquisadores das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

A obra está facilmente organizada em dois eixos temáticos. O primeiro, estabelece diálogos com práticas significativas, traz nas discussões modelos de estratégias pedagógicas que vão dos jogos analógicos à escuta sensível, pontuando experiências de novas e paradigmas desenvolvidos nos contextos de sala de aula nos mais diferentes níveis de ensino. Sinaliza para importância das tecnologias e do diálogo interdisciplinar para formação do indivíduo.

O segundo eixo, traz aspectos significativos para uma boa reflexão nas Ciências Sociais Aplicadas. De forma (in) direta promove a (inter) ligação dialógica que perpassa por Leis; Políticas Públicas; Cooperativismo; Desenvolvimento Social; Religiosidade; Cultura; Saúde e etc. Um eixo, com forte inclinação e possibilidades de integração com os processos educacionais. Desse modo, a coletânea de textos desta obra, se estabelece como um convite à reflexão e às interfaces de olhares de pesquisados e estudiosos que desenvolvem suas investigações Científicas na Ciências Humanas.

Com isso, desejamos a todos, uma boa leitura.

Marcelo Máximo Purificação
César Costa Vitorino
Emer Merari Rodrigues

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| APROXIMANDO UNIVERSIDADE E ESCOLA ATRAVÉS DO DIÁLOGO E PRÁTICAS SIGNIFICATIVAS NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA | |
| Márcia Rejane Scherer | |
| DOI 10.22533/at.ed.6212019031 | |
| CAPÍTULO 2 | 7 |
| INCLUSÃO E ENSINO DE CIÊNCIAS: UMA ANÁLISE DA UTILIZAÇÃO DA ESCUTA SENSÍVEL NO CONTEXTO DA SALA DE AULA | |
| Isabella Guedes Martinez Elias Batista dos Santos Ricardo Gauche | |
| DOI 10.22533/at.ed.6212019032 | |
| CAPÍTULO 3 | 16 |
| DESLOCAMENTOS EM PESQUISAS NO CAMPO DAS CIÊNCIAS HUMANAS | |
| Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos Naiara Gracia Tibola Daniela Gomes Medeiros | |
| DOI 10.22533/at.ed.6212019033 | |
| CAPÍTULO 4 | 25 |
| O USO DA ROBÓTICA EDUCACIONAL COMO APRIMORAMENTO NO ENSINO DA MATEMÁTICA COM ALUNOS DE ENSINO FUNDAMENTAL EM LÁBREA – AM | |
| Fabiann Matthaus Dantas Barbosa Kelren da Silva Rodrigues Rafael Carvalho de Souza | |
| DOI 10.22533/at.ed.6212019034 | |
| CAPÍTULO 5 | 34 |
| PROJETO POLÍTICO - PEDAGÓGICO E A GESTÃO DEMOCRÁTICA NO CONTEXTO ESCOLAR | |
| Kaio Anderson Fernandes Gomes Josenildo Santos de Sousa Francisnaine Priscila Martins de Oliveira Ednardo Arcanjo Garrido | |
| DOI 10.22533/at.ed.6212019035 | |
| CAPÍTULO 6 | 41 |
| UTILIZAÇÃO DE JOGOS ANALÓGICOS COMO POSSIBILIDADE DE APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL | |
| Elias Batista dos Santos Wellington dos Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.6212019036 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 7 | 52 |
| A IMPORTÂNCIA DA CIDADANIA E DOS DIREITOS HUMANOS NA FORMAÇÃO DOS JOVENS BRASILEIROS | |
| Morgana Patrícia Webers Bonfanti | |
| Mateus Pediriva | |
| Nelci Lurdes Gayeski Meneguzzi | |
| DOI 10.22533/at.ed.6212019037 | |
| CAPÍTULO 8 | 59 |
| A NATUREZA EM KANT: CONFLITO, GUERRA E SOCIABILIDADE | |
| Franciscleyton dos Santos da Silva | |
| Zilmara de Jesus Viana de Carvalho | |
| DOI 10.22533/at.ed.6212019038 | |
| CAPÍTULO 9 | 71 |
| A PSICANÁLISE E O DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR: ALGUMAS DISCUSSÕES | |
| Grazielle Luiza Barizon Scopel Gerbasi | |
| Paulo José da Costa | |
| DOI 10.22533/at.ed.6212019039 | |
| CAPÍTULO 10 | 82 |
| O GOOGLE SALA DE AULA E A SIMULAÇÃO “O CASO DO REBANHO DE JACÓ”: SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A APRENDIZAGEM DOS CONCEITOS DE GENÉTICA | |
| Marisa Inês Bilthauer | |
| Dulcinéia Ester Pagani Gianotto | |
| DOI 10.22533/at.ed.62120190310 | |
| CAPÍTULO 11 | 100 |
| IDENTIDADE PESSOAL EM PAUL RICOEUR: A HERMENÊUTICA DO SI E A DIALÉTICA <i>IDEM-IPSE</i> | |
| Janessa Pagnussat | |
| DOI 10.22533/at.ed.62120190311 | |
| CAPÍTULO 12 | 111 |
| ANÁLISE DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS SOBRE ENSINO COLABORATIVO NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA | |
| Fernanda Aparecida dos Santos | |
| Danielle Aparecida do Nascimento dos Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.62120190312 | |
| CAPÍTULO 13 | 124 |
| BREVÍSSIMA HISTÓRIA DA FITA CASSETE E OUTROS MODOS DE REPRODUÇÃO MUSICAL | |
| Enio Everton Arlindo Vieira | |
| DOI 10.22533/at.ed.62120190313 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 14 | 134 |
| COLEÇÃO AMAZONIANA DE ARTE: O ENTRELACE ENTRE ARTE, MODA E MUSEOLOGIA | |
| Moema Correa Marcela Cabral Orlando Maneschy | |
| DOI 10.22533/at.ed.62120190314 | |

PARTE II - CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADA

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 15 | 144 |
| A APROPRIAÇÃO TERRITORIAL NO SÍTIO HISTÓRICO URBANO (SHU) 'RUA DO PORTO' EM PIRACICABA - SP | |
| Marcelo Cachioni Maira Cristina Grigoletto Juliana Binotti Pereira Scariato | |
| DOI 10.22533/at.ed.62120190315 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 16 | 157 |
| DA CANA AO MELADO: OS SABORES E A FESTA DO MELADO COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL DA CIDADE DE CAPANEMA -PR | |
| Thais Naiara Prestes Fernanda Cordeiro De Faust | |
| DOI 10.22533/at.ed.62120190316 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 17 | 165 |
| LEGISLAÇÕES RELACIONADAS À FORMAÇÃO EM ENGENHARIA DE SEGURANÇA DO TRABALHO (EST) | |
| Marcela de Lima Magalhães Adriana Maria Tonini | |
| DOI 10.22533/at.ed.62120190317 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 18 | 179 |
| IDENTIFICAÇÃO E ANÁLISE DE MATERIAIS TÊXTEIS DO SÉCULO XIX DE UM TRAJE DO GRUPO FOLCLÓRICO DA CORREDOURA EM PORTUGAL | |
| Ronaldo Salvador Vasques Fabrício de Souza Fortunato Márcia Regina Paiva de Brito | |
| DOI 10.22533/at.ed.62120190318 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 19 | 187 |
| MEDIÇÕES DE RADIAÇÕES IONIZANTES E CHUVAS NA REGIÃO TROPICAL DO BRASIL – DINÂMICA NOS TEMPOS | |
| Inácio Malmonge Martin Marcelo Pego Gomes Rodrigo Rezende Fernandes de Carvalho Rafael Augusto Gomes | |
| DOI 10.22533/at.ed.62120190319 | |

CAPÍTULO 20 194

O PAPEL DA COOPERATIVA REGIONAL ITAIPU PARA O DESENVOLVIMENTO DE ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS DE PINHALZINHO – SC

Patricia Ines Schwab
Juliana Capelezzo
Karine Cecilia Finatto Begnini
Maiara Zamban Linhares
Leani Lauermann Koch

DOI 10.22533/at.ed.62120190320

CAPÍTULO 21 211

OS MARIANOS E O APOSTOLADO DA ORAÇÃO NA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO CARMO EM PARINTINS, AMAZONAS

Rosimay Corrêa
Iraíldes Caldas Torres

DOI 10.22533/at.ed.62120190321

CAPÍTULO 22 226

PAISAGEM URBANA: A INFLUÊNCIA ESPANHOLA NA CIDADE DE SÃO CRISTÓVÃO/SE

Rafael Henrique Teixeira-da-Silva

DOI 10.22533/at.ed.62120190322

CAPÍTULO 23 239

POLÍTICA PÚBLICA BRASILEIRA PARA O MEIO AMBIENTE: ENFOQUE NAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO, EMISSÃO E REMOÇÃO DE GASES DO EFEITO ESTUFA NO ESTADO DO PARANÁ

Luciana Virginia Mario Bernardo
Maycon Jorge Ulisses Saraiva Farinha
Zelimar Soares Bidarra
Adelsom Soares Filho
Vanderson Aparecido de Sousa
Mauro Sérgio Almeida Lima

DOI 10.22533/at.ed.62120190323

CAPÍTULO 24 252

APTIDÃO FÍSICA RELACIONADA AO TRABALHO DO POLICIAL MILITAR DE OPERAÇÕES ESPECIAIS

Jhony Wilson Youngblood
Mario Picetskei Júnior
Rafael Gomes Sentone

DOI 10.22533/at.ed.62120190324

CAPÍTULO 25 263

A FORMAÇÃO DE UM INTELLECTUAL

Vanderlei Souto dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.62120190325

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 26 | 268 |
| <i>A FALA DO HUNSRICK NO COTIDIANO DAS COMUNIDADES TEUTO-BRASILEIRAS: UM PATRIMÔNIO CULTURAL DE SANTA MARIA DO HERVAL (RS)</i> | |
| Liane Marli Führ Maria Ines Dapper Fröhlich Daniel Luciano Gevehr | |
| DOI 10.22533/at.ed.62120190326 | |
| CAPÍTULO 27 | 282 |
| ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA EVACUAÇÃO AEROMÉDICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA | |
| Clarissa Coelho Vieira Guimarães Beatriz Gerbassi de Aguiar Costa Fábio José de Almeida Guilherme Luiz Alberto de Freitas Felipe Vanessa Oliveira Ossola da Cruz Liszety Emmerick Gicélia Lombardo Pereira Maristela Moura Berlitz Michelle Freitas de Souza Chezza Damiã Ricchezza Rachel de Lyra Monteiro Ré Letícia Lima Borges | |
| DOI 10.22533/at.ed.62120190327 | |
| CAPÍTULO 28 | 289 |
| AS REGIÕES METROPOLITANAS DE ALAGOAS: SIGNIFICADOS E REALIDADES DIVERSAS | |
| Cícero dos Santos Filho Paulo Rogério de Freitas Silva Juliana Costa Melo | |
| DOI 10.22533/at.ed.62120190328 | |
| SOBRE OS ORGANIZADORES | 303 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 305 |

BREVÍSSIMA HISTÓRIA DA FITA CASSETE E OUTROS MODOS DE REPRODUÇÃO MUSICAL

Data de aceite: 16/03/2020

Enio Everton Arlindo Vieira

Mestrando em Educação, Arte, e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

São Paulo - São Paulo

<http://lattes.cnpq.br/2192908939552475>

RESUMO: Este artigo tem como objetivo, através de uma pesquisa qualitativa de cunho historiográfico, fazer um apanhado geral do desenvolvimento das tecnologias de reprodução musical, buscando problematizar, sobretudo, o papel das fitas e reprodutores cassete nos hábitos de consumo dos fãs de música no fim da década de 1970 e início da década de 1980, momento de grande crise mundial da indústria fonográfica. Durante tal crise, as mídias especializadas da época tendiam a culpabilizar à facilidade de cópias promovidas pelas tecnologias cassete, ignorando, muitas vezes, fatores econômicos ou ainda a postura pouco ousada das gravadoras, que preferiam lançar artistas já consagrados e não apostar em novos talentos. Nos basearemos, como referencial teórico, em escritos de estudiosos já consolidados como Peter Burke, Marcia Tosta Dias, Paul Friedlander, Fábio Malina Losso, Walter Benjamin e Renato Ortiz. Como fontes

primárias nos utilizaremos das edições de janeiro, abril, outubro e dezembro de 1979 da extinta revista SOMTRÊS, a primeira revista especializada em equipamentos de som e música produzida no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia da mídia; fita cassete; pirataria musical

A VERY SHORT HISTORY OF THE CASSETTE TAPE AND OTHER WAYS OF MUSIC REPRODUCTION

ABSTRACT: This article aims, through a qualitative research of historiographic nature, to make an overview of the development of technologies of music reproduction, seeking to problematize, above all, the role of tapes and cassette players in the consumption habits of music fans at the end of 1970s and early 1980s, the moment of the great worldwide crisis of the recording industry. During such a crisis, the specialized media of the time tended to blame the ease of copying promoted by cassette technologies, often ignoring economic factors or even the conservative posture of record labels, which preferred to release established artists instead of betting on new talents. We will use as a theoretical basis the writings of established scholars such as Peter Burke, Marcia Tosta Dias, Paul Friedlander, Fabio Malina Losso, Walter Benjamin and Renato Ortiz. As primary

sources we will use the January, April, October and December 1979 issues of the extinct SOMTRÊS magazine, the first magazine specialized in sound and music equipment produced in Brazil.

1 | INTRODUÇÃO

Ao lermos o clássico *Drácula* de Bram Stoker, nos deparamos com o Dr. Van Helsing, personagem que representa todo o racionalismo e positivismo do século XIX, sendo ele “uma “combinação de professor, médico, advogado, filósofo e cientista” (BOTTING apud ROCQUE e TEIXEIRA, 2001, p. 22). Van Helsing, com seu conhecimento científico e filosófico, consegue vencer as forças malignas e os poderes mágicos do diabólico vilão Conde Drácula, personagem que, por sua vez nos remete ao misticismo e religiosidade, sendo o próprio Conde um homem que, devido a seus rituais de magia negra, representava a personificação de um indivíduo que vivia desde os tempos do atraso medieval, antes do Século das Luzes. Dentre as várias artimanhas científicas utilizadas contra o vampiro, Van Helsing faz uso de conhecimentos em criminologia, técnicas médicas, e até mesmo o hipnotismo, registrando seus avanços em forma de um diário sonoro, através de um gravador em rolo de cera - o fonógrafo (ROCQUE e TEIXEIRA, 2001). Assim, o livro de Bram Stoker nos dá um testemunho da utilização das primeiras máquinas caseiras para gravações sonoras, que percorreriam um largo e relativamente rápido caminho até chegarmos à tecnologia de reprodução de música online nos telefones móveis, com a chamada tecnologia de *streaming*, que tem em programas como o *Deezer* ou o *Spotify* seus aplicativos de maior popularidade.

Este artigo busca elucidar algumas informações sobre o momento de popularização das fitas e gravadores cassete no Brasil, e nos baseamos, além dos referenciais bibliográficos de especialistas em história cultural e da música, como Peter Burke, Marcia Tosta Dias, Paul Friedlander, Fábio Malina Losso, Walter Benjamin e Renato Ortiz, entre outros, além de utilizarmos como fonte primária a extinta revista SOMTRÊS.

2 | REVISTA SOMTRÊS

Se auto intitulando como a primeira revista de som e música do Brasil, a Revista SOMTRÊS foi publicada, pela primeira vez, em janeiro de 1979, e durou exatos dez anos, sendo extinta em janeiro de 1989, num total de 121 edições, sempre pela editora Três em São Paulo, vendida por todo o país. Seu intuito era, ao menos no primeiro momento, oferecer uma alternativa aos chamados “audiófilos” (fãs de música e novidades em equipamentos de som, de uma maneira geral) às publicações

importadas que, além de custarem preços exorbitantes, exigiam o conhecimento de uma língua estrangeira - normalmente o inglês - e chegavam às bancas brasileiras com uma grande defasagem no que diz respeito aos lançamentos dos equipamentos de som e sua disponibilidade no mercado. Era “uma publicação brasileira, sem sotaque, para quem gosta da melhor música e exige o melhor som” (KUBRUSLY, 1979. P. 05). Para este artigo, nos utilizaremos das edições de números um, quatro, dez e doze, publicadas em janeiro, abril, outubro e dezembro de 1979, respectivamente. Todas as edições da revista SOMTRÊS podem ser encontradas na sala Sérgio Milliet da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, no centro da cidade de São Paulo.

3 | DO FONÓGRAFO AO WALKMAN

Já no fim do século XIX, havia uma tentativa de piratear gravações caseiras feitas com fonógrafos. Tais registros eram extremamente precários, devido às suas limitações técnicas, “pois os cilindros de cera usados comportavam apenas dois minutos de gravação cada, a captação sonora ficou aquém do ideal para a época [...]. A fonografia encontrava-se ainda num estágio bastante incipiente” (SANTOS, 2010, p. 83). Isso, não impedia, no entanto, que músicas fossem comercializadas de maneira ilícita, e ainda que os reprodutores de rolo de cera não fossem populares, ter um piano caseiro seguia sendo a forma mais popular de se ouvir música, e partituras ilegais eram vendidas e facilmente encontradas nas residências da era vitoriana.

No século XIX, a reprodução ilícita de publicações com as partituras das músicas acontecia em ampla escala nos Estados Unidos e na Europa. Por analogia com a época presente, é possível afirmar que a pirataria no campo artístico vem sendo praticada desde aquela época, pois o termo “pirataria” era aplicado desde o século anterior para designar a atitude de editores que realizavam cópias ilegais de livros. [...] No final do século XIX os Estados Unidos podiam ser considerados seguramente o lar da pirataria e 90% das partituras musicais que o país exportava eram ilícitas (SANTOS, 2010, p. 83).

Algum tempo depois do fonógrafo, ainda na primeira metade do século XX, surgiram as fitas de rolo, também conhecidas como fitas de carretel aberto, que captavam maior amplitude de frequências e proporcionavam gravações de melhor qualidade. Desenvolvida em 1934, o gravador de rolo permitia a fixação de sons em fitas magnéticas e em alta qualidade, o que permitiu que as rádios passassem a “utilizar tais equipamentos para a gravação de suas transmissões, armazenamento em arquivos e posterior retransmissão” (LOSSO, 2008, p. 50), mas também eram utilizadas para gravações caseiras, permitindo o registro de palestras, shows, e de discos de vinil.

Um problema com as máquinas de carretel aberto é que elas eram relativamente complicadas para seu uso amador. Em reportagem da revista SOMTRÊS de outubro

de 1979, o jornalista Luiz Fernando O. Cysne faz uma comparação das fitas de rolo com as fitas cassete, estas últimas novidade no mercado na época. O jornalista aponta uma superioridade técnica na utilização do carretel aberto, já que entre as suas grandes vantagens, existia a possibilidade de gravar em velocidades diferentes, podendo um mesmo rolo proporcionar desde 97 minutos de gravação em velocidades altas, mais indicado para a gravação de discos ou ainda gravações profissionais de performances de músicos; ou ainda chegar até a quase treze horas de gravação em velocidades baixas, sendo esta categoria de gravação recomendada para o registro de discursos, reuniões, palestras ou, no caso de Van Helsing, um diário de estudos de como combater vampiros.

Podemos perceber que gravar com fitas de rolo exigia um conhecimento maior no que diz respeito ao manuseio do equipamento, além de noções mais apuradas de frequência e acústica, o que dificultava a vida de um cidadão médio que apenas queria registrar suas músicas preferidas, ou a voz de seus filhos falando as primeiras palavras. Assim que nos anos 1960 seriam comercializadas as primeiras máquinas e fitas cassete, “originalmente imaginadas e desenvolvidas para acelerar e facilitar os serviços em escritórios e empresas em geral, gravando mensagens e ditados, registrando eventos, etc” (CYSNE, 1979, p. 46).

Em 1963, a empresa holandesa Philips, conglomerado com negócios em variados setores da economia, lançou a fita-cassete, contendo tecnologia que utilizava o mesmo fundamento do gravador de rolo, a fita magnética, entretanto com sistema que a armazenava dentro de um invólucro de plástico, de tamanho reduzido e portátil, que contava com boa capacidade de gravação (LOSSO, 2008, pp. 58-59).

A reportagem da SOMTRÊS segue nos dizendo que, inicialmente, as cassete apresentavam qualidade muito inferior às fitas de rolo, mas devido à facilidade de manuseio, logo ocorreria um “fenômeno da gradativa mudança de aplicação imaginada pelos fabricantes, provocada por uma certa imprevisibilidade de hábito dos consumidores. Desde seu lançamento as máquinas cassete passaram a ser cada vez menos utilizadas com a finalidade que havia inspirado seu desenvolvimento” (CYSNE, 1979, p. 47), sendo utilizadas para gravações musicais, ainda que estas não fossem de tão boa qualidade em comparação às de fitas de rolo, o que pouco incomodava os aficionados por música.

Parece claro que o intuito da Philips, ao desenvolver e lançar a fita-cassete era possibilitar que os músicos gravassem suas interpretações musicais, amadoras ou profissionais, mas também que pessoas comuns gravassem o que bem desejassem nessa invenção, e não que copiassem seus discos de vinil para esse novo meio e oferecessem tais cópias aos seus amigos. Mas é fato que foi isso que passou a ocorrer (LOSSO, 2008, p. 59).

Voltando à SOMTRÊS, a reportagem destaca ainda que as máquinas de

reprodução de cassete rapidamente se popularizaram não tão somente pela sua facilidade de uso, mas também devido a seu preço mais acessível, sendo que o fator econômico não pode ser ignorado. Assim os fabricantes se propuseram ao desafio de aperfeiçoar a qualidade de som das fitas, o que seria conseguido graças aos estudos do Dr. Ray Dolby, da Dolby Laboratories, que com sua equipe criaram um sistema de redutor de ruídos, fazendo com que os produtores de fitas fabricassem produtos de qualidade cada vez melhor.

Dada a facilidade de seu manuseio, a possibilidade de copiar discos, e seu preço mais acessível, ao longo dos anos 1980 a fita cassete seria responsabilizada pela grande crise da indústria musical, sendo ela mesma, inclusive, vítima da pirataria. Em uma edição posterior, a mesma revista SOMTRÊS faria uma reportagem em dezembro de 1979, intitulada *O caso das fitas falsas*, na qual ensina maneiras de reconhecer fitas falsas das originais. Dentre as várias dicas, como verificar o lacre, as saliências na caixa da fita, a cor da caixa da fita (que deveria ser de branco opaco), entre outras, a principal era observar a procedência delas, pois deveria ser de “origem americana, e não japonesa” (NATIVIDADE, 1979, p. 16). No entanto, não demoraria muito para que a fita cassete da BASF, de fabricação nacional, também fosse vítima de falsificações.

Também nesse período, a criação do *walkman* e do som automotivo mudariam a forma como os ouvintes se relacionavam com a música. Nos apropriando da ideia de Walter Benjamin, que nos diz que a “obra de arte possui um valor de ritual” (BENJAMIN, 2003, p. 50), poder-se-á afirmar que o ato de ouvir um disco de vinil possuía certa aura ritualística, no qual o ouvinte teria que realizar uma série de procedimentos para experienciar sua música (abrir a vitrola, ligar o aparelho, ajustar a velocidade do prato giratório, tirar o disco do encarte e depois do plástico, cuidadosamente colocar a agulha sobre o disco, ajustar o volume), exigindo, inclusive, que o ouvinte estivesse em um ambiente de relativo conforto para ouvir suas canções favoritas. A portabilidade da música, através do som móvel no carro ou com o *walkman*, dessacralizaria esse ritual, transformando

a maneira de se ouvir música gravada. Era um instrumento móvel, e a mobilidade das pessoas (andando na rua ou dirigindo um automóvel) influenciaria bastante a direção do desenvolvimento tecnológico futuro, sobretudo o do telefone celular móvel. Agora era fácil ter acesso à pop-music em qualquer lugar. (BRIGGS e BURKE, 2006, p. 277)

No entanto, as pesquisas com a revista SOMTRÊS mostram que as fitas eram largamente utilizadas não tão somente por ouvintes da chamada pop-music, mas por aficionados de todos os estilos musicais. Os considerados “audiófilos” do jazz, MPB, ópera, música erudita ao rock n’roll e *heavy metal*, de uma maneira geral, também aderiram às gravações em fita cassete, chegando ao ponto de se gravar os próprios

discos para evitar seu desgaste, mostrando-nos até onde ia essa sacralização dos discos de vinil em um nível mais extremado.

Há até aqueles que só ouvem o disco três vezes, acreditando que, depois disso, o LP está dilacerado. [...] ele ouve uma primeira vez, para saber se gosta mesmo; depois, pára e limpa a agulha e os sulcos do disco; na segunda vez, ele grava, passando o disco para a fita; na terceira, é a audição de despedida. Depois ele encosta o disco (SASTRE, 1979, p. 50).

Esse ato de ouvir o álbum e encostá-lo pode mais uma vez ser comparado aos escritos de Walter Benjamin, pois, ao mesmo tempo em que ouvir poucas vezes um álbum para não gastá-lo aumenta seu valor de ritual, faz com que o disco adquira, também uma qualidade de exibição, pois servirão de símbolo de status para mostrar a outros colecionadores. Benjamin descreve obras que possuem, simultaneamente um valor ritualístico e uma qualidade de exibição às imagens de Virgens que permanecem ocultas por um véu em grande parte do ano (BENJAMIN, 2003, p. 53). Ademais, há também um paradoxo, já que ao mesmo tempo que uma obra de arte, neste caso, o disco, é sacralizado, a fita cassete o dessacraliza, pois “a reprodutibilidade técnica da obra de arte a libera de sua existência parasitária dentro do ritual” (BENJAMIN, 2003, p. 51).

4 | MOMENTOS DE CRISE

A popularização das fitas e gravadores cassete coincidiram com a grande crise da indústria musical, ocorrida no fim da década de 1970. O historiador estadunidense Paul Friedlander aponta que tal crise foi causada, além do surgimento da tecnologia das reproduções em cassete, ao aumento dos preços dos discos, e também ao fato do público ter começado a ficar cansado da mesma velha música, já que, por essa época, “gravadoras e programadores de rádio davam poucas chances aos talentos desconhecidos, apostando tudo nos conhecidos para gerar lucros” (FRIEDLANDER, 2012, p. 346). Tal atitude por parte das gravadoras fez com que ocorresse uma queda mundial nas vendas de discos em 1979, “e só em 1988 [a indústria musical] voltaria a atingir o pico de 1978”. (FRIEDLANDER, 2012, pp. 346-347).

No Brasil, vivíamos, segundo Renato Ortiz (2001), uma dicotomia por conta da inserção forçada do país no chamado “Capitalismo Tardio” promovida pelos governos militares. Ao mesmo tempo que os “Anos de Chumbo” foram um momento de consolidação de um mercado de bens culturais, com a popularização de aparelhos eletrodomésticos como a TV, houve a expansão do mercado editorial e também uma explosão do mercado fonográfico, que apresentou um enorme crescimento no período.

Como o mercado de fonogramas se desenvolve em função do mercado de aparelhos de reprodução sonora, é importante observarmos a evolução das vendas industriais de aparelhos eletrônicos domésticos. Entre 1967 e 1980, a venda de toca-discos cresce em 813%. Isto explica por que o faturamento das empresas fonográficas cresce entre 1970 e 1976 em 1375% (ORTIZ, 2001, p. 127).

Esse crescimento vertiginoso da indústria ocorreu graças à MPB, ao samba e ao rock, que juntos, acabaram formando uma espécie de frente ampla contra a ditadura, cada qual desenvolvendo um tipo de crítica, atitude e crônica social ao fornecer referências diversas para a ideia de resistência cultural. E ainda que a MPB vendesse menos que outros gêneros mais populares, como canções bregas ou a *disco music*, “geravam maior lucro às gravadoras, pois eram produtos mais caros e mais sofisticados, sendo vendidos a um preço maior” (NAPOLITANO, 2014, p. 108).

Ortiz (2001) ainda aponta uma generalização do uso dos aparelhos cassetes nos automóveis e fora do ambiente das casas, sendo que o volume de vendas de fitas entre 1972 e 1979 cresce de um milhão para quase nove milhões de unidades por ano. Entre gravações caseiras, discos piratas e até mesmo fitas falsificadas, é importante indagarmos se os aficionados por música do período pensavam estar infringindo as leis de direito autoral, pois as facilidades viabilizadas pela tecnologia cassete era entendida como uma ameaça pela indústria fonográfica, sentimento não compartilhado entre os consumidores, que viam no cassete uma possibilidade copiar as melhores músicas de seus artistas preferidos, para ouvir nos seus automóveis e *walkmen* (LOSSO, 2008).

É importante notar que o sentimento do público consumidor de música era de que não estava fazendo algo ilícito ao transferir o conteúdo de seus discos para o novo meio, por entender que seria ilógico pretender que alguém que já dispusesse do LP legitimamente adquirido, por meio do qual lhe era conferida a licença para uso privado, fosse proibido de utilizá-lo no novo formato de fita-cassete, que apresentava vantagens, a exemplo das possibilidades de ser ouvido no automóvel e de ser selecionada coletânea com as músicas de preferência (LOSSO, 2008, p. 60).

Se nota que, tal qual previa Benjamin, “a reprodutibilidade técnica da obra de arte transforma o comportamento das massas com a arte”. (BENJAMIN, 2003, p. 82). Outra grande vantagem das gravações em fitas cassetes, enquanto tecnologia, era a sua facilidade em ser gravada e regravada várias vezes, algo pouco considerado nos estudos pesquisados até aqui. A própria efemeridade da tecnologia assinala uma forte característica da sociedade consumista, pois, diferente de um disco, no qual suas faixas não podem ser alteradas ou mudadas de ordem, uma gravação em fita poderia ser completamente alterada, uma vez que o ouvinte não quisesse mais desfrutar do conjunto de músicas da gravação, o que coincide com a ideia de que “a vida de consumo não pode ser outra coisa senão uma vida de aprendizado rápido,

mas também precisa ser uma vida de esquecimento veloz” (BAUMAN, 2008, p. 124).

Ainda considerando o fim da década de 1970 e início da década de 1980 no Brasil, devemos lembrar de outros fatores que interferiram nos preços dos produtos fonográficos, como, por exemplo, a crise mundial do petróleo, matéria prima dos discos de vinil e das fitas cassete. A crise do petróleo acabara com o chamado “Milagre Brasileiro” dos anos militares, e demonstrara a fragilidade e a dependência do dinamismo econômico brasileiro em relação ao mercado externo. Ao mesmo tempo, ocorria no período o processo de abertura política, de forma lenta, gradual e segura, “passagem gradual para um governo civil, ainda tutelado pelos militares” (NAPOLITANO, 2014). Esses processos, ambos a crise do petróleo quanto a abertura política, tiveram fortes impactos na economia brasileira.

A inflação de 1980 chegou aos 110%, marca histórica de 1964. [...] Mesmo recuando um pouco nos anos seguintes, a inflação ficou na faixa dos 90% ao ano. Os reajustes semestrais de salário apenas evitavam que a questão social saísse do controle, mas não impediam as perdas paulatinas no poder de compra de operário e da classe média. (NAPOLITANO, 2014, pp. 284-285).

Todos os fatores acima listados: inclusão forçada do Brasil no capitalismo mundial; surgimento e popularização de novas tecnologias, como o rádio portátil, o *walkman*, o som automotivo, entre outros; fatores econômicos como a inflação causada pela crise mundial no petróleo; as mudanças no âmbito político com a saída gradual dos militares do governo brasileiro; a falta de investimento em novidades musicais no mercado fonográfico; aliadas à facilidade em fazer cópias nos gravadores cassete, devem ser considerados ao pensarmos na popularização das fitas e as mudanças dos hábitos dos ouvintes de música, nesse período que abrange o fim da década de 1970 e início da década de 1980.

5 | CAMINHO A PERCORRER

Ao pesquisar sobre o papel da fita cassete e sua influência nos modos como as pessoas passaram a consumir música, podemos ver que nos encontramos diante de um universo bastante complexo e rico, com muitas possibilidades de estudo. Ao final da década 1990, o aumento da velocidade das conexões à Internet, a criação de programas de compartilhamento de arquivos, a popularização dos arquivos em MP3, a criação dos serviços de *streaming*, os avanços técnicos na telefonia celular, o surgimento de programas que utilizam a tecnologia *streaming* como *Spotify* e *Deezer*, com suas *playlists* que podem ser ouvidas *online*, e aplicativos nos aparelhos móveis que permitem a gravação caseira de vozes e vídeos, aposentariam de vez o uso das fitas cassete, deixando-as no passado quase tão distante quanto os gravadores em rolo de cera. A evolução das fitas cassete e seu papel no modo de como os

ouvintes de música gradativamente mudaram seu relacionamento com seus artistas preferidos é, todavia, algo que pode ser melhor estudado e aprofundado no ponto de vista acadêmico.

[...] quando se confronta esta tradição musical aos estudos que sobre ela foram feitos, constata-se a existência de um hiato. Longe de constituir um campo de estudo bem delimitado, como acontece com outras especialidades nas Ciências Sociais, observa-se que a reflexão sobre a música popular brasileira encontra-se ainda restrita aos musicólogos e a um pequeno setor das faculdades de comunicação. Tanto a Sociologia quanto a Antropologia e a História, até recentemente, manifestaram pouco interesse pela problemática em questão. (DIAS, 2008, p. 11)

Assim que ainda há muito o que se estudar sobre os modos como as pessoas ouvem e registram música, indo além das listas de artistas famosos, sucessões de estilos e modas musicais, ao longo da história da cultura musical. Existe, todavia, uma lacuna historiográfica a ser preenchida entre o fonógrafo e o *streaming*, e se podemos imaginar que hoje o Dr. Van Helsing faria uma transmissão ao vivo de sua perseguição ao Conde Drácula, ainda não conseguimos fazer o exercício mental de adivinhar qual seria sua lista de músicas preferidas em seu *walkman*.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENJAMIN, Walter. **La obra de arte en la época de su reproductibilidad técnica**. Editorial Itaca. México, D. F., 2003

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Zahar. 2006.

DIAS, Marcia Tosta. **Os donos da voz: indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura**. São Paulo: Boitempo, 2008.

FRIEDLANDER, Paul. **Rock and roll: uma história social**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

LOSSO, Fábio Malina. **Os Direitos Autorais no Mundo da Música**. Tese de Doutorado. Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo: São Paulo. 2008.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

NAPOLITANO, Marcos. **Cultura brasileira: utopia e massificação**. São Paulo: Contexto, 2014.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

ROCQUE, L. de L. e TEIXEIRA, L. A.: **Frankenstein, de Mary Shelley e Drácula, de Bram Stoker: gênero e ciência na literatura**. História, Ciências, Saúde — Manguinhos, vol. VIII(1), 10-34, mar.-jun. 2001.

SANTOS, Christiano Rangel dos. **Pirataria musical: entre o ilícito e o alternativo**. Dissertação de

Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia: Uberlândia , 2010.

Fontes primárias

Revista SOMTRÊS, janeiro de 1979, n. 1. Acervo da Sala Sérgio Milliet. Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, SP.

Revista SOMTRÊS, abril de 1979, n. 4. Acervo da Sala Sérgio Milliet. Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, SP.

Revista SOMTRÊS, outubro de 1979, n. 10. Acervo da Sala Sérgio Milliet. Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, SP.

Revista SOMTRÊS, dezembro de 1979, n. 12. Acervo da Sala Sérgio Milliet. Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, SP.

STOCKER, Bram. **Drácula**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ambientes virtuais 82, 84, 85, 86, 89, 96, 97

Aptidão física 252, 253, 254, 255, 257, 260, 261

Arte 63, 124, 128, 129, 130, 132, 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 180, 229

C

Celebrações 157, 213, 218

Cidadania 52, 53, 54, 56, 57, 58, 88, 113

Conhecimento 17, 18, 23, 27, 32, 33, 38, 49, 52, 53, 61, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 83, 84, 85, 87, 88, 95, 96, 99, 103, 111, 116, 118, 121, 123, 125, 126, 127, 136, 139, 164, 197, 199, 213, 256, 260, 263, 265, 266, 267, 269, 271, 278, 279, 283, 284, 285, 287

Cooperação 76, 78, 79, 118, 194, 195, 196, 198, 199, 203, 208, 236, 280

Cultura 2, 18, 19, 21, 34, 35, 39, 49, 55, 58, 59, 63, 64, 69, 77, 81, 124, 132, 136, 138, 140, 141, 142, 150, 158, 161, 178, 193, 212, 214, 216, 221, 224, 225, 228, 231, 251, 257, 263, 265, 267, 268, 271, 273, 275, 279, 280, 303

D

Direitos humanos 36, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 161

E

Educação 1, 2, 3, 4, 6, 9, 10, 15, 17, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 49, 51, 56, 57, 58, 59, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 97, 98, 99, 111, 113, 114, 115, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 138, 141, 142, 165, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 177, 178, 197, 200, 203, 204, 208, 210, 221, 226, 260, 261, 265, 268, 269, 270, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 281, 294, 303, 304

Ensino colaborativo 111, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123

Espacialidade 268, 289, 291, 299

F

Formação docente 1, 2, 15

G

Gestão escolar 34

H

Historiografia da mídia 124

I

Interdisciplinaridade 71, 72, 73, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 139

K

Kant 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70

M

Meio ambiente 153, 165, 172, 175, 194, 197, 201, 202, 203, 204, 207, 210, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 249, 250, 251

Museologia 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 186

N

Narrativa 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 236, 269

Natureza 18, 21, 34, 35, 38, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 69, 70, 86, 89, 97, 109, 115, 150, 161, 200, 201, 208, 239, 244

P

Paisagem cultural 144, 145, 149, 154

Patrimônio 65, 153, 155, 157, 158, 161, 162, 163, 164, 179, 186, 226, 227, 228, 231, 236, 237, 246, 247, 250, 268, 269, 272, 275

Pesquisa 6, 9, 10, 12, 13, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 27, 29, 32, 34, 35, 43, 44, 51, 58, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 88, 89, 98, 111, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 137, 139, 141, 157, 158, 163, 164, 165, 181, 182, 194, 196, 199, 201, 202, 208, 209, 213, 214, 218, 225, 240, 252, 254, 268, 269, 271, 273, 274, 278, 283, 285, 289, 291, 297, 302, 303

Práticas 1, 2, 26, 27, 29, 30, 38, 39, 42, 69, 75, 81, 111, 115, 118, 119, 121, 137, 139, 140, 144, 161, 166, 175, 182, 195, 207, 221, 224, 241, 273

R

Radiação ionizante 187, 188, 189, 190, 193

Realidade 8, 20, 23, 26, 27, 32, 35, 36, 45, 65, 88, 96, 115, 116, 137, 140, 221, 223, 227, 235, 252, 255, 263, 264, 265, 266, 269, 271, 278, 279, 280, 289, 292, 295, 298, 299

Relações de gênero 211, 221, 225

Robótica 25, 26, 27, 28, 29, 32, 33

T

Trajes 179, 180, 182, 183, 184

 **Atena**
Editora

2 0 2 0